

Cartografia Afetiva de uma Cidade: Pontes Entre a Materialização da Memória e a Construção do Presente

Rosane Bezerra Soares

Universidade Federal de Sergipe | rosanebsoares@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7842-1970>

Cláudia Valéria de Moraes

Grupo de Pesquisa PEACE/UFS | claudiaprofissional.aju@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0006-3038-6647>

Resumo: Apresentamos um projeto de ensino, pesquisa e de extensão desenvolvido pelo grupo de Pesquisa em Artes, Cultura Visual e Educação (PEACE / CNPq), na cidade de São Cristóvão, estado de Sergipe, Brasil. Consideramos o potencial turístico da cidade e o fortalecimento da relação entre artesanato e turismo, o que contribuiria para o desenvolvimento da região. A representação do patrimônio cultural poderia agregar valor aos produtos, mas os trabalhos não deveriam assumir formas valorizadas pelos especialistas sem “ressonância” à comunidade. O objetivo do projeto foi analisar estratégias que pudessem possibilitar ao artesanato a preservação de vínculos culturais sem a reprodução de uma tradição estagnada. O projeto envolveu temas transversais; entretanto, foi centrado no empreendedorismo social. Em relação à abordagem, o estudo é qualitativo. As metodologias preferenciais empregadas foram as do Design Thinking e a Cartografia Afetiva. Quanto aos procedimentos, trata-se de um relato de experiências que poderão ser replicadas. Além de envolver artesãos, a proposta foi relevante para alunos do ensino superior ao ensino básico, estendendo-se para outra cidade sergipana e transformando-se em disciplina obrigatória do curso de Artes Visuais.

Palavras-chave: empreendedorismo social, artesanato, memória, turismo, educação

Abstract: We present a teaching, research, and outreach project developed by the Research Group on Arts, Visual Culture, and Education (PEACE / CNPq) in the city of São Cristóvão, Sergipe state, Brazil. We considered the city's tourism potential and the strengthening of the relationship between crafts and tourism, which would contribute to the region's development. Representing cultural heritage could add value to the products, but the work should not take forms valued by experts without "resonating" with the community. The project's objective was to analyze strategies that could enable crafts to preserve cultural ties without reproducing a fixed tradition. The project involved cross-cutting themes; however, it was centered on social entrepreneurship. Regarding the approach, the study is qualitative. The preferred methodologies were Design Thinking and Affective Cartography. Regarding the results, we present a report of experiences that can be replicated. In addition to involving artisans, the proposal was relevant for students from higher education to

primary education, extending to another city in Sergipe and becoming a mandatory subject in the Visual Arts course.

Keywords: social entrepreneurship, crafts, memory, tourism, education

Introdução

Sabemos que o debate contemporâneo sobre empreendedorismo social está relacionado a dimensões culturais e simbólicas. E, ao envolver práticas artísticas e artesanais, o empreendedorismo social também poderá atuar na preservação da memória e na construção identitária dos territórios. Assim, o empreendedorismo social de base comunitária, ligado a práticas culturais e a laços sociais, amplia-se para além da abertura de negócios. Ele se apresenta como uma expressão da cultura das comunidades e como testemunha da manutenção e recriação dos perfis coletivos. De acordo com tais características, são construídas soluções sustentáveis, com saberes passados de geração em geração.

Foi a partir desse cenário que realizamos o presente estudo, baseado em um projeto que envolveu ações de ensino, pesquisa e extensão do Grupo de Pesquisa em Artes, Cultura Visual e Educação (PEACE), registrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sob a nossa coordenação. O projeto contou com o apoio do Departamento de Artes Visuais e Design da Universidade Federal de Sergipe, da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e da Agência de Inovação e Transferência de Tecnologia da Universidade Federal de Sergipe.

O projeto foi desenvolvido no município de São Cristóvão, localizado no interior do estado de Sergipe, a aproximadamente 25 km da capital, Aracaju, na região Nordeste do Brasil. São Cristóvão, conhecida como a “mãe de Sergipe”, é uma das cidades mais antigas do país. Lá encontramos um rico patrimônio histórico e arquitetônico; o seu centro histórico preserva construções dos séculos XVI ao XIX, as quais demonstram o passado de influência ibérica. Muitas das edificações foram tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Torna-se claro, portanto, o potencial turístico de São Cristóvão. Entretanto, para que tal potencial torne-se fonte de desenvolvimento, seria necessária a organização de ações para a valorização da cultura da cidade e, paralelamente, o estímulo ao envolvimento da comunidade nas atividades turísticas. Nesse contexto, uma estratégia relevante seria o enriquecimento do artesanato local, como expressão da memória. Associar os produtos artesanais às riquezas da cidade poderia contribuir para agregar valor cultural e econômico aos produtos, por torná-los exclusivos, estimulando-se também o sentimento de pertencimento entre os artesãos.

Entretanto, seria importante evitar que o artesanato se tornasse apenas um símbolo turístico “domesticado”, como nos ensina Albuquerque Júnior no livro “A invenção do Nordeste e outras artes” (2024). A obra nos auxilia a entender que o artesanato não é somente uma expressão cultural autêntica, mas também um campo simbólico repleto de significados construídos socialmente. Ele sugere a visão da cultura do Nordeste do Brasil

como um espaço em transformação constante, e não como manifestação de uma identidade fixa. Elementos artesanais seriam muitas vezes, ainda de acordo com o autor, transformados em símbolos da “identidade nordestina”, frequentemente negligenciando-se a diversidade local e os processos de reinvenção dos saberes, como se essa cultura estivesse estagnada no tempo. Nesse universo, Hall (2019) critica a ideia de identidades fixas: considera identidades culturais como “posicionamentos”, que se constroem e reconstroem no tempo.

Destacamos ainda, na literatura revisada, três problemas principais em projetos que se concentram somente no artesanato tradicional e em suas cópias. Um deles ocorre quando a tradição é transformada em mercadoria uniforme, negligenciando-se o seu sentido comunitário e simbólico (Caldas, 2024). E, de acordo com Lorêto (2016), a lógica de produção em série para atender ao turismo pode reduzir a renda dos artesãos e limitar sua autonomia criativa. Uma outra questão seria a ausência de políticas que apoiem o design e a formação dos artesãos, o que poderia prejudicar a adaptação das comunidades às mudanças sociais e de mercado (Sousa et al., 2020).

Assim, o problema que impulsionou a pesquisa foi: “Quais estratégias permitiriam que o artesanato sergipano preserve vínculos culturais sem se reduzir à função de reproduzidor de uma tradição paralisada?” Supomos que a cartografia afetiva da cidade na criação de pontes entre a materialização da memória e a construção do presente poderia contribuir para a preservação de vínculos culturais sem que estes se tornassem símbolos de uma identidade fixa. Portanto, o objetivo deste trabalho é analisar estratégias que possibilitem ao artesanato sergipano preservar vínculos culturais sem se reduzir à reprodução de uma tradição cristalizada.

Sobre a cartografia afetiva, Joselaine Raquel da Silva Pereira e Milena Registro escreveram o artigo “Antropologizando a cartografia afetiva: práticas de cuidado como formas de resistência e re-existência”, publicado na Revista de Antropologia Campos em 2022. O trabalho propõe o uso da cartografia afetiva a partir de uma perspectiva antropológica, explorando a cartografia como uma expressão artística que parte de encontros e afetos nos processos de territorialização. Já Rosemary Severo da Silva procurou definir a cultura visual da cidade de Juazeiro do Norte por meio da metodologia de pesquisa da cartografia afetiva. Ela pesquisou como a visualidade urbana envolveu a construção de uma identidade visual/patrimonial do lugar, numa dissertação de mestrado em design da Universidade de Brasília, em 2024. Um outro trabalho relacionado a nossa temática preferencial foi desenvolvido por Augusto Rodrigo Bezerra da Silva e Caio Augusto Amorim Maciel. Trata-se de um estudo qualitativo com alunos procurando compreender como o território municipal (Solidão, PE) é vivido afetivamente, baseado no patrimônio simbólico local.

Observamos a escassez de estudos que articulassem empreendedorismo social e cartografia afetiva em contextos patrimoniais do Nordeste brasileiro; daí a sua importância acadêmica e social. E a proposição torna-se relevante ao desafiar os formatos clássicos da educação empreendedora, que muitas vezes partem apenas de uma lógica mercadológica. Conectado ao ensino, à pesquisa, à extensão universitária e à educação popular, a

proposição pode se transformar num laboratório de aprendizagens solidárias, estimulando a construção de pontes entre a universidade, a comunidade e a cultura local.

Metodologia

Em relação à abordagem, o estudo é qualitativo e quanto aos procedimentos, trata-se de um relato de experiências. Considerando as características de nossa proposição, relacionamos duas metodologias de trabalho: a Cartografia Afetiva e o Design Thinking.

A Cartografia Afetiva é uma metodologia processual e participativa que pode se concretizar em narrativas, percursos turísticos, mapas visuais, instalações artísticas, materiais pedagógicos, entre outros. Parte-se do princípio de que os territórios não são somente físicos, mas também espaciais-simbólicos, repletos de histórias, recordações e emoções. Em termos práticos, a cartografia afetiva pode ser construída por meio de entrevistas, narrativas orais, oficinas participativas, desenhos, registros artísticos, caminhadas, colagens, bordados, fotografias, etc. Ela contribui para a compreensão da forma como os sujeitos se apropriam e ressignificam os espaços.

Em *Mil Platôs* (2011), Gilles Deleuze & Félix Guattari apresentaram o conceito de cartografia como algo vivo e processual, relacionado a rizomas, fluxos e movimentos, não a representações fixas. Apesar de não falarem em "cartografia afetiva", seus conceitos inspiraram práticas artísticas, sociais e pedagógicas. Paralelamente, Michel de Certeau, em *A Invenção do Cotidiano* (2014), comentou como as práticas cotidianas produziriam sentidos afetivos no espaço. Já o geógrafo Milton Santos, na obra *A Natureza do Espaço* (2023), embora não utilizasse o termo, nos ensinou que o espaço seria produto das relações humanas, carregando memória, identidade e afetividade. Por outro lado, para Suely Rolnik (2016) e Virgínia Kastrup (2017), a cartografia não seria uma técnica de representação "neutra", mas sim um método de pesquisa-intervenção. Ambas destacaram que a cartografia acompanha processos e não apenas descreveria realidades, em obras como *Cartografia sentimental: Transformações contemporâneas do desejo* e *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e Produção de Subjetividade*.

Interessou-nos especialmente para este trabalho a característica processual e não representacional dessa abordagem, além da possibilidade de poder tornar-se uma metodologia viva, relacionando pesquisa e intervenção, gerando pertencimento e, paralelamente, abrindo caminhos para o turismo comunitário sustentável.

Enquanto a Cartografia Afetiva estimula a reflexão, a compreensão e a ressignificação, o Design Thinking como metodologia é mais estruturado, orientado a resultados e aplicável a problemas práticos. Ele une criatividade, empatia e pensamento analítico, resultando em soluções desejáveis, tecnicamente viáveis e sustentáveis. Como metodologia, valoriza-se a experiência e a especificidade de cada contexto, com foco nas pessoas, superando-se assim as soluções tecnicistas. De acordo com cada etapa do processo, pode ser aplicado em projetos comunitários, escolas e empresas, contribuindo para um ambiente colaborativo e interdisciplinar. Além disso, no ensino, auxilia na formação de cidadãos críticos e autônomos.

O Design Thinking não apresenta um único criador, tratando-se de uma evolução com a contribuição de diversos teóricos e profissionais ao longo dos anos (Ferro, 2020). Em resumo, Herbert Simon estabeleceu a base teórica sobre o modo de pensar do designer, ainda na década de 60; McKim acrescentou o pensamento visual nos anos 70; até que David Kelley e Tim Brown popularizaram o Design Thinking da década de 1990 em diante, como a metodologia de inovação que conhecemos hoje.

Apresentamos, a seguir, os resultados da aplicação da Cartografia Afetiva como método para captar narrativas e sentidos locais e o Design Thinking para transformar esses insumos em soluções aplicáveis.

Resultados e Discussões

Os trabalhos tiveram início quando um aluno morador de S. Cristóvão e discente do curso de Artes Visuais comentou sobre os problemas econômicos e emocionais enfrentados por um grupo de mulheres artesãs, ainda durante o período de isolamento devido a pandemia de COVID. O aluno procurou o auxílio da UFS e assim foi construído um projeto de extensão, ensino e pesquisa.

Pensando em uma metodologia que reunisse a Cartografia Afetiva e o Design Thinking na organização das etapas, iniciamos as ações com uma imersão sensível, incluindo caminhadas pela cidade para o registro de imagens.

Também mantivemos contato com pessoas da comunidade, ouvindo histórias, afetos e experiências. O contato foi facilitado pela presença do aluno citado, morador da cidade. Um dos nossos objetivos nessa fase era evitar ideias pré-concebidas e julgamentos prévios; assim, privilegiamos a escuta. Não organizamos entrevistas padronizadas, mas sim conversas informais. A necessidade de isolamento foi contornada por meio de contatos diários pelo whatsapp, especialmente com uma das artesãs, de 73 anos, que nasceu e sempre residiu em S. Cristóvão. De origem indígena, D. Maria Helena Souza Freitas acompanhou as transformações da cidade e sobre cada rua ela guardava uma história.

Essa etapa foi essencial para assegurar que as ações se tornassem significativas. E assim, num segundo momento, houve a definição compartilhada dos desafios a partir das narrativas. Identificamos tensões como a necessidade de valorização do artesanato, do turismo, dos saberes tradicionais, da inovação e da diversidade. A lista de problemas foi transformada em tópicos iniciais para a criação de soluções.

Foi estabelecida parceria entre a universidade e a Casa de Costura D. Zil, uma unidade da Secretaria Municipal de Assistência Social e do Trabalho de São Cristóvão, onde as artesãs encontraram a oportunidade de melhoria ou aprendizado de técnicas de costura, bordado e crochê, gratuitamente. A UFS doou máquinas de costura e ofereceu certificados aos 206 alunos que concluíram os cursos durante o desenvolvimento do projeto. Lá, o discente morador de S. Cristóvão que deu início ao projeto, Jhon Eldon, ministrou a “Oficina Criativa de Peças Utilitárias e Decorativas”, levando inovação aos produtos desenvolvidos. Reunindo arte e design, produziu com 34 alunos peças para o Festival de Artes de S. Cristóvão, evento que reúne grande número de turistas, o que resultou num aumento

significativo nas vendas, de acordo com as gestoras da Casa de Costura D. Zil. O sucesso do curso implicou em sua continuação.

Diante da necessidade de agregar valor aos produtos, oferecemos cursos à comunidade que traziam inovação, relacionando técnicas tradicionais à tecnologia moderna e contemporânea. Assim, apresentamos oficinas sobre a integração entre bordados e fotos analógicas ou digitais. A primeira edição do curso, durante a pandemia, foi oferecida online; mais tarde, organizamos oficinas presenciais, como a ministrada por um dos membros do nosso grupo de pesquisa, Sérgio Ricardo Freitas, na Casa Cosmos, um espaço cultural localizado no Centro Histórico de São Cristóvão.

Em tempos de fluidez das imagens, iniciamos um estudo sobre as fotografias pintadas artesanalmente, técnica amplamente encontrada em regiões do interior nordestino. Elas podem ser vistas dos acervos familiares aos memoriais comunitários. A escolha foi justificada pelo fato dessa estética desafiar a lógica ocidental da imagem como apenas um reflexo da realidade; ela permite relacionar a memória entre o vivido e também o imaginado, ressignificando a fotografia a partir de códigos simbólicos e afetivos. Selecionamos fotos antigas da cidade que foram impressas, pintadas e bordadas.

Recebemos então convites para que as ações fossem ampliadas para outros lugares de São Cristóvão, como a Casa de Costura D. Zil. Lá, o tema escolhido para a oficina “Bordando Memórias” foram as danças populares, o que resultou em bordados sobre fotos de pessoas conhecidas, ou mesmo parentes e amigos. Partes das atividades foram realizadas coletivamente, com as alunas que traziam experiência em pontos de bordado contribuindo com as principiantes. Ao final foi construída uma exposição com as obras, num dos prédios históricos que recebeu, além de pessoas da comunidade, a visita de escolas de ensino básico. Alunas da oficina trabalharam como monitoras durante a mostra, demonstrando as técnicas, inclusive para alunos do ensino fundamental. Com o sucesso da oficina, a experiência foi estendida para outro bairro de São Cristóvão: Luiz Alves. Concluíram os cursos 85 alunos.

O curso “Noções sobre Gestão de Grupo_Empreendedorismo, Identidade Sociocultural e Gestão Administrativa no Artesanato”, ministrado pela professora Cláudia Valéria de Moraes, coordenadora adjunta do grupo de pesquisa PEACE, acrescentou conhecimentos fundamentais para as envolvidas. Configurou-se como uma ação formativa de caráter interdisciplinar, cujo objetivo central foi fortalecer a autonomia e a capacidade organizativa de artesãs a partir da integração entre práticas de gestão, valorização cultural e estratégias empreendedoras.

E era preciso, ainda, conscientizar paralelamente os alunos no uso dos materiais, evidenciando que a sustentabilidade pode ser construída a partir de práticas cotidianas, criativas e coletivas. Assim, uma das integrantes do grupo PEACE, Graziela Menezes Alves, ministrou um curso voltado ao reaproveitamento criativo de sacolas plásticas para a produção de objetos utilitários. Nesse universo, Kim (2022). comenta como sacolas plásticas, originalmente parte de fluxos de resíduos, podem ganhar novos valores quando recontextualizadas como matéria-prima em criações artesanais. O curso contribuiu para um

processo formativo que articulou criatividade, consciência ambiental e experimentação estética. Os participantes não apenas aprenderam um ofício artesanal, mas também construíram uma nova percepção sobre consumo e sustentabilidade, reconhecendo no reaproveitamento uma estratégia de reinvenção material e simbólica. Acreditamos, portanto, que a dimensão educativa é significativa em contextos comunitários, pois estimula práticas de cidadania ecológica. Ao mesmo tempo práticas e reflexivas, as ações deveriam contribuir para a formação de sujeitos críticos e engajados com as questões socioambientais contemporâneas.

Assim, ao invés de cópias estereotipadas e repetidas de uma suposta “identidade” nordestina fixa, ou cópias de uma suposta tradição estagnada, produtos começaram a ser criados a partir da vida das moradoras de S. Cristóvão. Um bom exemplo seriam os trabalhos da D. Maria Helena Freitas, que bordou partes de sua história como moradora de S. Cristóvão em roupas e painéis. Sobre uma das saias que construiu, representou a fase em que trabalhava como pescadora e marisqueira para sustentar as 6 filhas. Os bordados mostram embarcações nos rios Poxim, Vaza-Barris e Paramopama, muito importantes para a cidade e em sua vida. Encontra-se também a representação do catamarã utilizado pelos turistas, além da imagem de si mesma em bordado, pescando com uma das filhas. Quanto ao painel decorativo que criou, D. Maria Helena reuniu diversos elementos relevantes da cidade e que têm grande significado em sua vida, como os índios que povoavam S. Cristóvão, o símbolo da Universidade Federal de Sergipe, a vida nos mangues, as igrejas, a arquitetura, monumentos, entre outros.

Um dos desafios detectados era ampliar os mercados para os produtos. Além das feiras, as artesãs contam com uma lojinha da Casa de Costura. Uma outra possibilidade, concluímos, seria encontrar mercado na Universidade Federal de Sergipe, também localizada em São Cristóvão, que conta com grande número de alunos, professores e funcionários técnico-administrativos. Assim, organizamos um desfile de modas no auditório da reitoria, exibindo inicialmente peças produzidas pela D. Maria Helena Freitas, para divulgação. O corpo de modelos foi composto por alunos da UFS e por pessoas da comunidade de São Cristóvão. O desfile foi parte da programação do Festival de Arte/ Moda Colaborativa que organizamos, composto por palestras, mesas-redondas, oficinas, performances e uma exposição, tendo como tema as histórias vividas em S. Cristóvão e narradas por D. Maria Helena Freitas.

Sabemos que ao tentar valorizar o “tradicional”, políticas públicas frequentemente defendem uma ideia de pureza que é incompatível com a forma como a cultura opera, ou seja, de forma híbrida, inventiva e histórica. Acreditamos que é preciso escutar os artesãos e permitir que suas práticas continuem vivas como criações em movimento, e não como relíquias. Procuramos seguir essa linha de pensamento nas palestras do festival.

Ainda buscando um diálogo entre memória e construção do presente, durante o desenvolvimento do projeto, construímos várias exposições artísticas, cujos objetivos estavam relacionados à proposição inicial. As mostras foram relevantes como vitrines dos resultados, ferramentas de valorização da cultura local e plataformas de diálogo entre

universidade, comunidade e visitantes, fortalecendo São Cristóvão como espaço de criação, memória e inovação. Os locais das mostras variaram entre a galeria de arte Jordão de Oliveira, localizada no campus da UFS e espaços diversos no Centro Histórico de S. Cristóvão. As propostas relacionaram aspectos da memória de S. Cristóvão e questões da arte contemporânea, na busca de uma ruptura com a ideia de associação tão comum da região Nordeste em geral e Sergipe em particular ao passado.

Como exposto, historicamente forjada por discursos hegemônicos, a construção da identidade nordestina materializou-se como uma imagem homogênea do povo do Nordeste brasileiro. De acordo com Albuquerque Júnior (2024), esse processo resultou na criação de estereótipos que relacionam a região a imagens fixas, frequentemente conectadas à pobreza, ao sertão e à figura do retirante. Tal identidade “forjada” ainda permaneceria tanto nas representações externas quanto na autoimagem dos nordestinos. Nesse cenário, seria necessário uma verdadeira mudança de paradigma, mais do que a simples denúncia: seria fundamental experiências formativas de sujeitos centradas na descolonização dos imaginários e na valorização das narrativas plurais. Acreditamos que um dos meios mais eficazes para tal desafio seria a educação.

Assim, atuamos numa escola de ensino fundamental localizada em S. Cristóvão, entre alunos da sexta série, com o apoio da Agência de Inovação e Transferência de Tecnologia da UFS. Distribuímos, então, sacolas de algodão cru, que seriam pintadas a partir do tema “São Cristóvão”, além de canetas de tintas permanentes e acrílicas. Acompanhados por discentes do nosso grupo de pesquisa, também entregamos aos alunos imagens da cidade. A proposição seria, então, a de tomar posse da cidade para recriá-la. Em outras palavras, a união da memória (por meio das imagens da cidade) à inovação. Concluídos os trabalhos, os alunos levaram as sacolas para casa.

Como exposto, o objetivo do trabalho era analisar estratégias que possibilitassem a preservação de vínculos culturais no artesanato sem que estes estivessem limitados à reprodução de uma tradição cristalizada. Mas para quê?

Sabemos que a globalização tende a uniformizar as culturas; por outro lado, os empreendimentos sociais de origem comunitária destacam-se como alternativas contra-hegemônicas de resistência e de construção de caminhos sustentáveis e solidários. Nesse contexto, objetos artesanais com vínculos culturais podem ser valorizados pela originalidade, em oposição a essa tendência uniformizante, especialmente para turistas.

Entretanto, muitas vezes o objeto artesanal se transforma num fetiche e o artesão é classificado como um “guardião da tradição”, não importando a sua experiência de vida (Albuquerque Júnior, 2024). Tal aspecto pode ser observado, por exemplo, quando programas estabelecem “padrões” de forma, de cor, ou material nas obras artesanais para que o artesão possa receber apoio ou reconhecimento. Ainda que tais padrões se transformem com o tempo, a repetição é muitas vezes estimulada na busca de um “saber tradicional”. Por outro lado, para Canclini (2013), a cultura popular/artesanal é como um espaço de reinvenção, que incorpora elementos do passado e do presente, resistindo à ideia

de “pureza” ou de tradição congelada. Acreditamos, assim, no potencial do artesanato vinculado à memória, mas sem se aprisionar a ela.

Considerações Finais

Considerando a área acadêmica, o projeto reafirmou a relevância da extensão e da pesquisa como vetores de inovação metodológica e produção de conhecimento socialmente referenciado. As ações desenvolvidas permitiram a geração de dados e de reflexões interdisciplinares, contribuindo para estudos e debates em torno de temas como inovação, turismo comunitário, empreendedorismo social, patrimônio cultural e metodologias participativas, como a cartografia afetiva. Assim, a experiência contribuiu não apenas para o fortalecimento da tríade ensino–pesquisa–extensão, mas também para a consolidação do compromisso social da universidade com a comunidade.

A cartografia afetiva revelou-se, no desenvolvimento do projeto, como uma contribuição significativo do trabalho, tanto do ponto de vista metodológico quanto epistemológico. Ao privilegiar as dimensões subjetivas, simbólicas e relacionais da experiência, a metodologia possibilitou a construção de um conhecimento que extrapola a descrição objetiva do objeto estudado, incorporando memórias, afetos e narrativas pessoais que, de outro modo, permaneceriam invisíveis. Trata-se de uma abordagem que merece maior atenção em pesquisas acadêmicas, mostrando-se fértil por valorizar a escuta, a participação e o vínculo entre pesquisador e comunidade. Nesse sentido, o presente estudo não apenas alcançou os objetivos propostos, mas também contribuiu para a legitimação e difusão da cartografia afetiva como ferramenta investigativa capaz de enriquecer a compreensão dos territórios, das práticas culturais e das relações humanas que lhes dão sentido. E a união com o Design Thinking resultou em métodos que se complementaram satisfatoriamente para a nossa proposta.

Com essa proposição, concluímos que projetos culturais e políticas públicas que privilegiam apenas o artesanato tradicional e suas cópias poderão reforçar desigualdades e enfraquecer a dimensão criativa dos artesãos. Por outro lado, abordagens baseadas em metodologias como a cartografia afetiva demonstram maior potencial para articular patrimônio cultural e inovação, contribuindo para que o artesanato nordestino seja reconhecido não apenas como herança estagnada, mas como espaço dinâmico de inovação, resistência e desenvolvimento comunitário.

A importância do projeto para os artesãos de S. Cristóvão manifesta-se de várias formas, como ao reconhecer seus saberes como patrimônio cultural vivo, ao estimular processos de inovação sem romper com os vínculos identitários e ao estender sua inserção em redes de cooperação e mercados. A esse respeito, a experiência contribuiu para o empoderamento simbólico e prático dos artesãos, destacando sua centralidade na dinâmica cultural local.

Para os estudantes universitários envolvidos, o projeto apresentou-se como elemento de formação integral, ao articular teoria e prática e tornar possível a vivência de situações reais que implicaram em reflexão crítica, inovação e responsabilidade social.

Encarando desafios locais, os discentes puderam receber auxílio para a construção de competências profissionais e para a dimensão cidadã na formação acadêmica.

Quanto aos alunos do ensino fundamental, o projeto ofereceu acesso a experiências pedagógicas inovadoras, ligadas a valorização da cultura local e a construção de relações identitárias. O contato com o patrimônio material e imaterial de seu território possibilitou o fortalecimento da autoestima e do sentimento de pertencimento, enquanto estendia horizontes formativos, ampliando perspectivas de continuidade dos estudos.

O objetivo do trabalho foi analisar estratégias que possibilitassem ao artesanato sergipano preservar vínculos culturais sem se reduzir à reprodução de uma tradição cristalizada. Após a apresentação de algumas ações, consideramos que mapas afetivos revelaram itinerários, lugares e saberes de valor simbólico que podem sugerir elementos para a criação de produtos, roteiros e experiências turísticas sustentáveis de base comunitária, impactando visitantes sem recorrer a estereótipos. É um caminho.

Com a análise da literatura, detectamos lacunas que merecem investigação, como a falta de estudos comparativos sobre os impactos de políticas que privilegiam a cópia de modelos tradicionais e políticas híbridas, reunindo preservação e inovação. E também observamos a carência de estudos que integrem a cartografia afetiva a programas de incubação de microempresas culturais. Essas serão, talvez, as nossas próximas ações.

Enfim, concentramos nossas esperanças na educação, na edificação de pontes entre a materialização da memória e a construção do presente. Por essa razão o projeto continua, tendo sido ampliado para outra cidade (Barra dos Coqueiros) e transformado, de um projeto de extensão e pesquisa, em uma disciplina obrigatória do curso de Artes Visuais da UFS, o que implica na possibilidade de maior aprofundamento e permanência.

Referências

- Albuquerque Júnior, D. M. de. (2024). *A invenção do Nordeste e outras artes*. (5a ed.). Cortez.
- Caldas, V. de L., & Helal, D. H. (2024). Artesanato e políticas públicas: aproximação a partir de uma revisão de escopo da literatura nacional. *Políticas Culturais Em Revista*, 17(2), 183–208. <https://doi.org/10.9771/pcr.v17i2.59551>
- Certeau, M. de. (2014). *A invenção do cotidiano: Artes de fazer* (Vol. 1). Vozes.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2011). *Mil Platôs*. vol. 1 Editora 34.
- Ferro, G. S. (2020). *Design thinking: Modelo aplicável em desafios complexos e em inovação*. Pimenta Cultural.
- García Canclini, N. (2013). *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade* (4. ed.). Edusp.
- Hall, S. (2019). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Lamparina.
- Kim, T. (2022). *Rediscovering value through crafting plastic bags*. Craft Research
- Lorêto, M. S. S. (2016). Políticas públicas de artesanato na reprodução da força de trabalho dos artesãos em barro no Alto do Moura, Caruaru – PE [Tese de doutorado, Universidade Federal de Pernambuco]. Repositório UFPE. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/29495>
- Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. (Orgs.). (2017). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Sulina.
- Pereira, J. R. da, & Registro, M. (2023). Antropologizando a cartografia afetiva: práticas de cuidado como formas de resistência e re-existência. Campos – *Revista de Antropologia*, 23(1). <https://doi.org/10.5380/cra.v23i1.82132>
- Rolnik, S. (2016). *Cartografia sentimental: Transformações contemporâneas do desejo*. (2ª ed.). Sulina.
- Santos, M. (2023). *A natureza do espaço: Técnica, tempo, razão e emoção* (4ª ed.). Edusp.
- SILVA, Augusto Rodrigo Bezerra da; MACIEL, Caio Augusto Amorim. (2023). Entre emoções e afetos na geografia: uma imersão no município de Solidão, Pernambuco. *Revista GeoSertões*, 5(9). <https://doi.org/10.56814/geosertoes.v5i9.1452>
- Sousa, J. R. F., Sá, M., Souza, D. C., & Silva, S. K. (2020). Novos modos de fazer artesanato e desafios à manutenção econômica no Alto do Moura do século XXI. *Revista de Administração Contemporânea*, 24(6), 789–805. <https://doi.org/10.1590/1413-2311.295.98565>